



“Eu fui para batalhar”: discursos emocionais na trajetória de um estudante universitário

Yuri Alexandre Estevão-Rezende¹  
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Neste artigo, por meio do método da história de vida, analiso a trajetória de um estudante em duas repúblicas estudantis em Ouro Preto (MG). Mais especificamente, investigo os discursos emocionais presentes em sua narrativa e como estes se entrelaçam com as relações socioafetivas desses espaços, com uma atenção especial voltada ao período denominado “batalha”, uma espécie de ritual de passagem comum nesse contexto social. Nos relatos analisados, meu interlocutor evoca sentimentos como humilhação, medo, vergonha, felicidade e amizade, os quais foram abordados neste texto à luz da perspectiva contextualista da Antropologia das Emoções, assim como dos estudos de autoras(es) que dialogam com essa linha teórico-metodológica. Dessa forma, procuro sublinhar como tais emoções não apenas evidenciam, mas também participam das dinâmicas sociais marcadas por hierarquias e relações de poder, ao mesmo tempo em que indicam a forma como o estudante lida com sua sexualidade e com os demais moradores das repúblicas estudantis.

Palavras-chave

Repúblicas estudantis. Emoções. Sexualidade. Batalha.

1. Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais, com bolsa da CAPES.

"I went to battle": emotional discourses in the trajectory of a university student

Abstract: In this article, through the life history method, I analyze the trajectory of a student in two fraternity houses in Ouro Preto (MG). Specifically, I investigate the emotional discourses present in his narrative and how they intertwine with the socio-affective relationships of these spaces, with a special focus on the period called "batalha", a sort of common rite of passage in this social context. In the analyzed accounts, my interlocutor evokes feelings such as humiliation, fear, shame, happiness, and friendship, which were addressed in this text in light of the contextualist perspective of the Anthropology of Emotions, as well as the studies of authors who engage with this theoretical-methodological approach. In this way, I seek to underline how such emotions not only evidence but also participate in the social dynamics marked by hierarchies and power relations, while indicating how the student deals with his sexuality and with the other residents of the fraternity houses.

Keywords: Fraternity houses. Emotions. Sexuality. Battle.

"Me fui a la batalla": discursos emocionales en la trayectoria de un estudiante universitario

Resumen: En este artículo, a través del método de la historia de vida, analizo la trayectoria de un estudiante en dos residencias estudiantiles en Ouro Preto (MG). Específicamente, investigo los discursos emocionales presentes en su narrativa y cómo se entrelazan con las relaciones socioafectivas de estos espacios, con un enfoque especial en el período denominado "batalha", una especie de ritual de paso común en este contexto social. En los relatos analizados, mi interlocutor evoca sentimientos como humillación, miedo, vergüenza, felicidad y amistad, los cuales fueron abordados en este texto a la luz de la perspectiva contextualista de la Antropología de las Emociones, así como de los estudios de autores que se relacionan con este enfoque teórico-metodológico. De esta manera, busco subrayar cómo tales emociones no solo evidencian, sino que también participan en las dinámicas sociales marcadas por jerarquías y relaciones de poder, al tiempo que indican cómo el estudiante maneja su sexualidad y se relaciona con los demás residentes de las residencias estudiantiles.

Palabras clave: Residencias estudiantiles. Emociones. Sexualidad. Batalla.

Introdução

Na esteira do pensamento que considera as emoções como construções sociais que "expressam relações de poder e exercem efeitos que convém examinar mais de perto" (Oliveira, 2013, p. 151), e ainda, por conceber as repúblicas estudantis em Ouro Preto (MG) como espaços de sociabilidade marcados por hierarquias e normas de convívio (Estevão-Rezende, 2022), neste artigo analiso a trajetória de um estudante em duas repúblicas em Ouro Preto (MG). Mais precisamente, investigo os discursos emocionais acionados em sua narrativa e como estes estão imbricados nas relações socioafetivas nesse contexto.

Em um primeiro momento, faço uma breve síntese das emoções enquanto categoria analítica no campo das ciências sociais, desembocando na perspectiva contextualista de Abu-Lughod e Lutz (1990), a qual também orienta este trabalho.

Alimentando-se de uma concepção foucaultiana dos discursos como produtores e produtos daquilo que falam (ou representam), Abu-Lughod e Lutz (1990) compreendem as emoções através dos contextos em que são produzidas e as consideram “tributárias”, portanto, das relações de poder entre as pessoas (ou grupos). Isso nos permite entender os sentimentos inseridos dentro de uma micropolítica da vida cotidiana (Coelho, 2010). Em Antropologia, especificamente, os debates sobre as emoções na vida social têm sido mais frutíferos por meio do contextualismo, sobretudo, a antropologia das emoções feita no Brasil, que tem um sotaque marcante dessa perspectiva.

O depoimento analisado neste artigo é resultado de uma entrevista baseada no método da história de vida, realizada em março de 2021. Essa técnica, conforme argumenta Oliveira (2019, p. 147), “propicia uma alternativa à antinomia clássica que opõe indivíduo e sociedade, pois coloca em evidência modos possíveis de individuação a partir da elaboração de convenções culturais em narrativas sobre situações sociais”. Não obstante, o ponto central da análise será sobre as experiências narradas pelo interlocutor no processo de batalha (ritual de iniciação em república estudantil de Ouro Preto) e eventos considerados homofóbicos em seu discurso. Trata-se, nesse caso, das narrativas de Pedro (nome fictício), homem cisgênero, gay, negro, atualmente com 29 anos e natural do nordeste de Minas, local onde viveu até se mudar para estudar na Universidade Federal de Ouro Preto aos 19 anos. Pedro morou na cidade de Ouro Preto (MG) entre o primeiro semestre de 2014 e o segundo semestre de 2018, quando se formou. Durante esse período, ele residiu em duas repúblicas, uma particular (três meses) e outra federal (um mês), respectivamente República Azul e República Verde (nomes fictícios).

No artigo, inicialmente, destaco como duas experiências de batalha evocam emoções distintas nos relatos do interlocutor: humilhação, felicidade e amizade, respectivamente, tensionadas aqui através das contribuições de Miller (1993), Diaz-Benitez (2019) e Rezende (2002) sobre tais sentimentos. Em seguida, por meio da narrativa de dois eventos homofóbicos sofridos no contexto republicano, analiso como uma leitura das emoções expressadas pelo entrevistado pode estar relacionada à dimensão de sua sexualidade, ou seja, como ele lida com o fato de ser gay naquele espaço de sociabilidades. Medo e vergonha são discursos emocionais que se relacionam com as situações de homofobia vividas e que levam meu interlocutor a não reagir às agressões verbais, mobilizando o silêncio (ou, em suas palavras, o “não verbalizar”) como forma de lidar com tais eventos e com sua sexualidade.

1 Breve contextualização sobre Antropologia das Emoções

O senso comum em “sociedades ocidentais”, bem como, inicialmente, grupos de cientistas/filósofos, considerava que as emoções pouco diziam sobre as relações humanas, pois tratava-se de uma forma de expressão universal: eram parte da constituição humana, inerentes, parte do biológico/psíquico, essencial, por consequência. Entretanto, principalmente a Psicologia, mas também as Ciências Sociais, reposicionaram as emoções no campo, ainda que a partir de uma noção essencialista, nesse caso. Embora reconhecendo que o meio cultural e social, em algum nível, interferia nas emoções, mantiveram um entendimento de que se tratava de uma instância psíquica e biológica (universal e essencial). Assim, a ideia dos sentimentos “como elementos de natureza psicobiológica (cuja marca social residiria apenas na regulação de sua expressão por regras sociais) persiste por várias décadas” (Rezende; Coelho, 2010, p. 14).

Por conta dessa perspectiva, durante muito tempo, as emoções foram associadas aos estudos em Psicologia. Porém, como ressaltam Rezende e Coelho (2010), Émile Durkheim e Georg Simmel foram precursores ao trazerem os sentimentos para o debate nas ciências sociais, que estavam, naquela época, se firmando como uma “ciência autônoma”. Esses sociólogos clássicos, de formas distintas, foram importantes ao reconhecerem a possibilidade de que haveria sentimentos socialmente construídos e, desse modo, informavam sobre os contextos socioculturais em que eram produzidos.

Os antropólogos, desde a constituição da Antropologia enquanto disciplina, colocaram como paradigma a questão da emoção no fazer antropológico. Em outras palavras, inquietavam-se com as emoções que, eventualmente, poderiam sentir nos trabalhos de campo e como elas afetariam as empreitadas e suas obras. Coelho (2019) faz um apanhado dessas inquietações, que percorreram importantes intelectuais da disciplina. Assim, na produção do conhecimento antropológico, as emoções foram compreendidas de diferentes maneiras, Coelho (2019) sintetiza três destas abordagens. A saber, a primeira, a perspectiva malinowskiana (1977), em que as emoções são consideradas intrusas, algo irrelevante para ser transcrito no texto e, portanto, devem ser evitadas para não contaminar o trabalho. A segunda, enquanto sentimentos inevitáveis inerentes ao fazer etnográfico, entendidos como essenciais para compreender o que significa fazer antropologia, conforme argumento de DaMatta (1978). E, por fim, salienta Coelho (2019, p. 278), “como parte integrante do trabalho de campo e uma possível via de acesso para a compreensão do outro” a partir da concepção de Rosaldo (1989). Não obstante, essas interpretações estão intrinsecamente ligadas às transformações do entendimento das emoções nas ciências sociais.

O interpretativismo de Geertz demarca uma mudança substantiva na maneira de manejar as emoções em Antropologia principalmente de um viés psíquico/biológico

relegado aos sentimentos, mas, certamente, não foi o único (Rezende e Coelho, 2010). Conforme sugerem Abu-Lughod e Lutz (1990), outras três abordagens despontam em trabalhos de antropólogos e cientistas sociais: o essencialismo, o historicismo e o relativismo. Essas vertentes refletem a constituição da teoria antropológica contemporânea, formuladas como propostas de chaves de leitura para uma série de “questões” em que a Antropologia se ocupava/ocupa, incluindo as emoções.

Em linhas gerais, o essencialismo, como discutido acima, parte da premissa de uma compreensão psicológica dos sentimentos e, em Antropologia, assume uma espécie de etnopsicologia na leitura das emoções. Esse enquadramento, contudo, “desvia a atenção da vida social e suas possíveis implicações na própria linguagem das emoções. Também nos impede de observar o papel dos discursos emocionais nas interações sociais” (Abu-Lughod; Lutz, 1990, p. 3, tradução nossa²). Em contrapartida, por meio da concepção das emoções construídas em contextos históricos e culturais, temos um movimento intelectual de historicizar as emoções, (Abu-Lughod; Lutz, 1990). Essa estratégia teórico-metodológica implica em “submeter os discursos sobre emoção, subjetividade e *self* a escrutínio ao longo do tempo, examinando-os em contextos sociais e momentos históricos específicos, e observando se e como eles se modificaram” (Abu-Lughod; Lutz, 1990, p. 5, tradução nossa³).

Este estilo de investigação, segundo Rezende e Coelho (2010), compartilha de um ponto comum e inicial com o relativismo, à medida que ambas as vertentes entendem as emoções como socialmente constituídas em determinados contextos socioculturais. Mas o relativismo, diferentemente de promover uma análise temporal das emoções, como o historicismo, propõe uma comparação “entre culturas contemporâneas entre si” em relação aos sentimentos (Rezende; Coelho, 2010, p. 65). Abu-Lughod e Lutz (1990) propõem, assim, uma nova perspectiva analítica: o contextualismo.

O contextualismo em Abu-Lughod e Lutz (1990) surge como uma possibilidade de leitura das emoções nas humanidades e na Antropologia, sobretudo, a partir da noção foucaultiana de discurso e das suas proposições sobre as relações de poder. Do filósofo, tomam emprestado o conceito de que o discurso é produtor de efeitos, reorganiza a vida social, o discurso (re)produz “coisas”, não apenas traduz. A linguagem atua no mundo, não é apenas uma descrição ou um meio pelo qual as pessoas se expressam. Antes de prosseguir, cabe destacar que Foucault (2012 [1970]), ao contrário do que alguns críticos parecem sugerir, não desconsidera a materialidade, mas a realoca:

2. No original: “(...) deflects attention from social life and its possible implication in the very language of emotion. It also prevents us from looking at the role of emotional discourses in social interactions”.

3. No original: “That means subjecting discourses on emotion, subjectivity, and the self to scrutiny over time, looking at them in particular social locations and historical moments, and seeing whether and how they have changed”.

não há uma negação das materialidades, mas um escrutínio de como elas também são produzidas a partir dos discursos; como os discursos operam nessas materialidades, organizam, dessacralizam, bem como são incorporados.

Adiante, Abu-Lughod e Lutz (1990, p. 1, tradução nossa⁴), argumentam no sentido de que “uma abordagem analítica mais produtiva para o estudo transcultural da emoção consiste em analisar os discursos sobre emoção e os discursos emocionais como práticas sociais em diversos contextos etnográficos”. Isso requer um exercício cuidadoso para entender as situações sociais específicas em que estes estão situados, de modo que,

O enfoque no discurso não apenas proporciona *insights* sobre como a emoção, assim como o discurso no qual ela se insere, é influenciada por temas e valores culturais, mas também como ela opera em um campo de atividade social controversa, como afeta esse campo social e como ela pode servir enquanto um idioma para comunicar não necessariamente sensações, mas sobre assuntos tão diversos quanto conflito social (cf. White, neste volume), papéis de gênero (Lutz, neste volume) ou a natureza da pessoa ideal ou desviante (Fajans, 1985) (Abu-Lughod; Lutz, 1990, p. 11, tradução nossa⁵).

A partir dessa vertente teórico-metodológica, podemos entender como as emoções ainda informam o gênero em determinados contextos. Como Lutz afirma, “qualquer discurso sobre emoção é também, pelo menos implicitamente, um discurso sobre gênero” (Lutz, 1990, p. 69 *apud* Bispo; Coelho, 2019, p. 186). Nas palavras de Bispo e Coelho (2019, p. 186), “os sentimentos são experiências sociais capazes de iluminar as vivências de gênero na sociedade e o exercício de suas sexualidades”.

Assim, torna-se potencialmente frutífero analisar como os discursos emocionais estão imersos em relações de poder dentro de contextos específicos e como podem, em alguma medida, informar sobre cenários mais amplos. É a através dessa perspectiva contextualista que pretendo situar a trajetória do meu interlocutor em duas repúblicas em Ouro Preto. Mais especificamente, examinarei as emoções suscitadas em sua narrativa, que também revelam como ele interagia com os outros estudantes naquele contexto e como lidava com sua sexualidade. Ao falar de sua vida, ele fala principalmente de relações e momentos de interação.

4. No original: “(...) the most productive analytical approach to the cross-cultural study of emotion is to examine discourses on emotion and emotional discourses as social practices within diverse ethnographic contexts”.

5. No original: “The focus on discourse allows not only for insight into how emotion, like the discourse in which it participates, is informed by cultural themes and values, but also how it serves as an operator in a contentious field of social activity, how it affects a social field, and how it can serve as an idiom for communicating, not even necessarily about feelings but about such diverse matters as social conflict (White, this volume), gender roles (Lutz, this volume), or the nature of the ideal or deviant person (Fajans 1985)”.

2 Duas batalhas, dois sentimentos...

As Repúblicas Federais de Ouro Preto surgiram da necessidade de moradia dos estudantes universitários da Escola de Minas e da Escola de Farmácia, nos idos de 1920 (Cf. Dequech, 1984). Esse processo teve início com a ocupação de casas abandonadas no Centro Histórico da cidade, que foram posteriormente institucionalizadas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atualmente, este modelo de residência estudantil conta com 59 casas e totaliza 794 vagas, sendo que, destas, 42 são repúblicas masculinas, 16 femininas e uma mista (UFOP, 2021). Desde sua origem até os dias de hoje, essas moradias são geridas pelos próprios moradores, e cada casa possui um regimento interno próprio. Desse modo, esses moradores são responsáveis pela seleção dos estudantes que solicitam acesso ao espaço das repúblicas. Para se tornar morador de uma república, é necessário que o candidato passe por um processo denominado “batalha”. As repúblicas particulares operam de forma semelhante e instituem, portanto, regras similares às federais, inclusive na escolha de seus membros.

O sistema republicano funda uma micro-hierarquia que diz respeito à organização social, a qual denominam de *hierarquia* naquele contexto. Este é um elemento central que constrói a especificidade das repúblicas estudantis em Ouro Preto e orienta, por consequência, as formas de sociabilidades ali. Cada *morador* ocupa, assim, um lugar social dentro das repúblicas, dispostos da seguinte maneira: *bixo*, aquele que está em período de batalha, portanto, não é um *morador* e ocupa a posição social mais inferior, deve satisfação e obediência aos demais moradores; *semi-bixo*, recém-escolhido na casa, ou seja, tornou-se *morador* há pouco tempo, e é o responsável imediato pelo *bixo*, no sentido de lhe dar tarefas e fiscalizar seu processo de *batalha*; em seguida, a *hierarquia* se divide entre os *moradores* e tem relação estrita com o período de escolha na república, nesse sentido, designa-se o lugar social naquela ordem a partir do maior tempo de escolha; e o *decano*, *morador* mais antigo da casa, é o que ocupa a posição mais elevada nesse esquema, a ele cabem tarefas de maior responsabilidade (sobretudo que envolvem questões financeiras), bem como alguns privilégios, como ter um quarto só para si (geralmente os estudantes dividem quarto nas repúblicas). Todos lhe devem respeito e obediência, mas ele pode ser questionado quando os demais *moradores*, em conjunto, decidem que alguma ação de sua parte passou dos limites, o que é incomum, já que a *hierarquia* é um dos elementos mais respeitados e resguardados nas repúblicas estudantis ouropretanas. Por fim, no topo da *hierarquia*, temos os *ex-alunos*. A eles, todos devem respeito e consideração inclusive o *decano*. Importante frisar que os *ex-alunos* são consultados sobre situações que ocorrem nas casas e que põem a república em risco. Eventualmente, também ajudam financeiramente quando

as casas estão com poucos *moradores* e dificuldade para encontrar *bixos*. No entanto, raramente intervêm em questões do cotidiano da casa, deixando a cargo do *decano* um lugar social de destaque nesse ponto.

Ao descrever tal micro-hierarquia, busco sinalizar para um contexto micropolítico presente nos espaços das repúblicas estudantis. Mas, antes de inferir se tratar de lugares sociais estruturalmente estáveis e rígidos, gostaria de propor pensar estas disposições hierárquicas como construídas e reiteradas no cotidiano. Com isto, estou indo ao encontro da perspectiva de Candace Clark (1997), de que:

a leitura de lugares sociais é complexificada, também, pelas múltiplas perspectivas acerca do lugar de uma mesma pessoa. Ao mesmo tempo em que situamos a nós mesmos e aos outros, os outros estão tentando nos posicionar. Existem, portanto, visões “subjetivas” (autoconstruídas) e “objetivas” (construídas pelo outro) sobre o lugar de cada pessoa. Lugares objetivos não são aqueles que as pessoas gostariam de ocupar ou pensam que ocupam, mas aqueles a que os outros nos alocam pela concessão de atenção, estima, deferência e honra ou pela falta destas. O lugar objetivo que outros constroem pode colorir o senso subjetivo que uma pessoa tem de “onde estou situado nesta relação”, mas não o determina totalmente. Algumas pessoas resistem ao lugar que os outros definem para elas, enquanto outras aceitam esse lugar (Clark, 1997, p. 232, tradução nossa⁶).

Portanto, tal como Clark, pretendo pensar lugares em contraposição à categoria de *status* social, à medida que a segunda diz respeito a uma demarcação mais estruturante da vida social, enquanto a primeira desvela um contexto micropolítico das relações sociais. Assim, mesmo que a *hierarquia* nas repúblicas se configure como uma “tradição” e seus lugares sociais possuam uma predeterminação, isto não significa que estes não precisam ser negociados, reiterados e produzidos nas interações cotidianas deste contexto. Ao contrário, é por meio das sociabilidades que eles se ativam e são demarcados, é na *batalha*, nos *troles*, nos *rocks* e no dia a dia que são constituídos, afinal, relações de lugar envolvem movimento constante e reconfiguração (Clark, 1997).

Meus interlocutores da pesquisa de mestrado, de modos distintos, descreveram a *batalha* como um período de teste, um momento em que o *bixo* é testado para ver se de fato pode ascender ao nível de morador. Se ele, portanto, merece se tornar um *Nobre*

6. No original: “Reading places is also complicated by multiple perspectives on a given person’s place. At the same time that we place others and ourselves, others are trying to place us. There are, then, “subjective” (self-constructed) and “objective” (other-constructed) views of each person’s place. Objective places are not where people wish to stand or think they stand; objective places are those that others ascribe through their attention, esteem, deference, and honor - or lack thereof. The objective place that others construct may color a person’s own subjective sense of where I stand in this relationship, but does not determine it altogether. Some people resist a place others define for them, while some accept it”.

(nome dado ao morador da Castelo dos Nobres), *Pirata* (moradores da Nau Sem Rumor), *Texano* (moradores da república Território Xavante) etc. Neste prisma, considero possível mobilizar a noção de ritual de passagem (Gennep, 2011) para compreender em certo sentido a *batalha*, afinal, parece se tratar fundamentalmente de um rito que consiste na mudança do *status social* naquele grupo. Mesmo que Gennep (2011) empregue a noção *status* e, conforme argumentado acima, penso que o termo mais adequado seja de “lugar social” de Clark (1997), ainda assim, a dimensão da mudança/movimentação presente em sua obra sobre ritos de passagem pode servir aqui, na medida em que o *bixo*, após o ritual (se bem-sucedido), será escolhido e se tornará *morador*. Então será (re)inserido no grupo, agora em outro lugar social, e fará parte da *hierarquia* daquele contexto.

A *batalha*, nas repúblicas, consiste em um período que varia de três a nove meses. Não obstante, as regras do período de *batalha* são instituídas por cada república, mas, em todos os casos, trata-se de um período de “teste” para que os outros membros possam deliberar a permanência ou não da/o caloura/o na moradia, com base em sua trajetória nesta etapa⁷. Uma série de atividades pode ser designada para os *bixos* durante a *batalha*: atividades domésticas (como o cuidado com a casa); trabalhos braçais ou de esforço físico na organização das festas, tais como “*bater caixa*” (encher os freezers de cerveja), servir bebidas nas festas, limpar a casa após esses eventos; preparar o café; além, é claro, de socializar com o contexto republicano de modo geral. A intensidade ou a existência dessas atividades dependem de caso a caso (de cada casa).

No relato de Pedro, por exemplo, a diferença de tratamento na batalha é demarcada pela república particular *versus* república federal. Na república Azul (particular), na qual batalhou por três meses desde que chegou em Ouro Preto, o estudante descreve a seguinte experiência:

Tem aquela frase clichê né? “A batalha aqui é a convivência”. Essa é frase clichê que todos falam: “aqui não tem batalha, aqui é convivência, mas claro que tem batalha sim!”. Mas a batalha na república Azul era mais sobre as atividades da casa mesmo, não raspava a cabeça, também não me chamavam sempre de *bixo*, inclusive, logo na batalha já me deram um apelido... então assim, até eu ter o apelido, eles me chamavam mais pelo meu nome mesmo. Daí quando veio meu apelido, o apelido era mais por algo engraçado, que constrangia a

7. Há duas maneiras de os *moradores* de uma república encerrarem o ritual da *batalha*: a primeira consiste na *escolha* em votação dos *moradores* (quando a maioria simples decide, a partir da trajetória do *bixo*, se ele se tornará ou não mais um *morador*). Essa reunião é realizada em segredo e a *escolha* do *bixo* é uma surpresa, marcada por um *vento* (espalhar todas as roupas e pertences pela casa), seguida de uma festa, onde o *bixo* descobre que se tornou um *morador*. A segunda é o *veto*, que basicamente é a decisão em que, por maioria simples, os *moradores* decidiram não permitir que o *bixo* *batalhe* mais naquela casa e, por conseguinte, torne-se *morador*. Em uma reunião, o *bixo* é informado do *veto* e das justificativas daquela decisão. Obviamente, uma terceira via é a própria decisão do *bixo* em sair da república.

peessoa, mas não era nada ofensivo... não foi nada agressivo no nosso contexto. Enfim, mas a batalha lá era a convivência mesmo, mais no sentido de estar presente nos momentos, trocar ideia com todos, confraternizar, socializar, participar dos eventos sociais entre as repúblicas, além de cuidar da casa, tinha as tarefas de casa. Mas lá na república Azul era bem diluído as tarefas, não só os bixos eram responsáveis, mas todos faziam alguma coisa... como eu vou te falar mais à frente na comparação com a vivência da federal, essa parte de tarefas foi bem diferente, porque, nas particulares, costumam ser bem divididas as tarefas da casa, todos costumam ajudar, pelo menos as quais eu tive algum contato. Na federal não, na federal só os bixos fazem as tarefas de casa. Mas na particular foi bem tranquilo isso, porque eu também gostava de fazer, eu quando eu estava em casa fazendo as tarefas, era minha forma de socializar com eles. Porque tipo: ah eu tô limpando a cozinha aqui, mas tem gente lá sentada tomando café, então foi a maneira como eu encontrei de me aproximar, entendeu? Fazer coisas na casa, porque era o que eu sabia fazer, fazia bem e justificava eu estar sempre em casa, estar fazendo uma coisinha e estar com eles também.

Pedro narra uma experiência interessante na república Azul: as regras ou atividades da batalha, na sua concepção, eram basicamente de convivência. A palavra convivência parece ser utilizada, no entanto, para descrever uma necessidade (ou mais especificamente uma obrigação que era esperada e valorizada naquele contexto) de interação com os moradores e outros republicanos, no cotidiano e em outros eventos, por exemplo. Segundo Pedro, realizar as atividades da casa contribuía nesse sentido e não eram cansativas ou um problema, na medida em que ele “gostava” de fazê-las e eram divididas entre os demais membros da residência. Enquanto na república Verde outra vivência de batalha é descrita:

Lá eu era tratado como bixo, era só bixo, todo mundo que batalhava era bixo, lá eu não era chamado pelo nome. Se eles quisessem se referir a mim especificamente, era o bixo da arquitetura. Você perde até o direito ao seu nome ali... o bixo era da arquitetura, não era o Pedro... então enquanto você não ganha apelido, você perde sua identidade, não tem direito ao nome... é isso aí! (...) A batalha era mais pesada. Na batalha lá toda e qualquer tarefa de casa é responsabilidade de bixo, qualquer coisa que aconteça na casa, é responsabilidade do bixo: tirar lixo, fazer café, manter a casa limpa, cuidar do cachorro, do quintal, do gramado etc. Por exemplo, se a lâmpada do quarto de um morador queimar, é o bixo que tem que ir comprar a lâmpada e trocar. Qualquer situação assim. Eu achava péssimo, porque eu sempre tive insônia, tenho dificuldade até hoje para dormir, faço tratamento... e a regra de manhã você tem que estar na mesa do café, você tem que passar o café e você tem que estar sentado na mesa do café. Isso para mim era terrível porque eu conseguia pegar no sono lá pelas três, quatro horas da manhã, para estar de pé às seis horas por

conta do café. Essa era a primeira coisa que pegava para mim... fazer o café e permanecer lá enquanto os moradores tomavam. Você tinha que estar lá e, assim, na parte da manhã, tinha todo dia a comadre que fazia a limpeza da casa e cuidava do resto do café, então ela poderia passar, mas não, tinha que ser a gente. Não tinha necessidade de estarmos lá, mas era a obrigação e se não tivéssemos, éramos punidos. Primeiro que eles iam no seu quarto te levantar com gritaria, depois você levava um tento (que é uma advertência) ou se repetisse você poderia tomar uma cachaça às seis da manhã. E assim, eu sei que tinha um determinado somatório dessas advertências que gerava expulsão. Na particular, o acúmulo, por exemplo, fazia com que você tivesse que lavar toda louça da cozinha, ou limpar banheiro, algo assim.

Nesse caso, a experiência de batalha de um mês na república Verde para Pedro foi muito “pesada”. Seu descontentamento gira em torno das obrigações dos bixos, que eram excessivas e exclusivas deles, “sem sentido”, além do fato de ser tratado apenas como bixo, o que parece incomodá-lo bastante. Esses dois contrastes das situações vividas pelo interlocutor suscitam em seus relatos dois sentimentos. Antes de apresentá-los, no entanto, há mais duas dimensões que contextualizam os discursos emocionais acionados e diferenciam a batalha nessas casas: a maneira como a hierarquia era experienciada e as festas como uma forma de socialização, mas que também eram distintas em sua organização e nas responsabilidades dos bixos nesses dois contextos.

Bom essa socialização com outras repúblicas é fundamental na batalha lá (república Azul), porque eles têm tipo uma liga de quatro repúblicas masculinas particulares que são os mais amigos deles, eles até fazem uma festa anual juntos, então obrigatoriamente você tem que conviver com essas três repúblicas e seus moradores né? Então lá o vínculo principal e obrigatório é com essas. Até porque são as primeiras que você vai conviver, entre essas quatro, quatro assim incluindo a que eu estava, a república Azul e mais três então, essa é a liga. E aí as nossas tarefas também quando tinham esses encontros e festas entre repúblicas, era o de socializar e servir bebida, os bixos dessas casas que serviam os moradores e convidados. Porque a ideia do bixo ficar servindo é justamente para ele socializar, não é só para ter um empregado que te serve bebida, como eles falam. É pra ele conversar com outras pessoas, conhecer outras pessoas, trocar ideias e fortalecer esse vínculo entre as repúblicas.

Então lá (república Verde) a hierarquia se impunha, você era lembrado disso o tempo inteiro... na república Azul a hierarquia era mais exposta em momentos muito específicos, nas reuniões, em alguns momentos, entrega de convite etc. Mas na federal o bixo é lembrado que ele é bixo o tempo inteiro, você sentou na mesa do café ele é lembrado que ele é bixo, ele sentou na mesa do almoço é lembrado que ele é bixo, ele acordou é lembrado que é bixo, voltou da faculdade é lembrado que é bixo... é um saco!! Meio que você perde a sua voz,

you ficado pisando em ovos, porque qualquer coisa que você fala é motivo de punição... e assim, a punição ali é cachaça todo momento, sabe? E... por mais que eu goste de beber, eu não queria beber assim e nem o dia inteiro. Todo dia, eu tenho responsabilidades, mudei de cidade para estudar! E nossa, qualquer coisinha que desagradasse a eles, era: lá, o bixo tá crescendo para cima de mim! Primeiro que te lembra que é uma hierarquia, que se pisar na bola, você tá fora da república ou então eles te dão uma cachaça para tomar, a qualquer momento do dia, como punição.

(...) elas (as festas) ocorriam lá na república Verde com menos frequência que na república Azul, mas elas eram mais problemáticas para mim, porque elas duravam mais tempo e eram sempre em horários péssimos. Por exemplo, na república Azul, se eles fizessem algo durante a semana, começava umas quatro da tarde e acabava às dez da noite, no final que semana podia se estender. Mas já na república Verde não, era madrugada inteira, independentemente de ser dia de semana ou não... só isso era ruim para mim, porque os demais bixos não se importavam em perder o semestre, ir mal nas disciplinas, para viver a república, afinal tínhamos que ser os últimos a ir dormir nas festas e os primeiros a acordar para o café. Só que eu tava ali pra estudar também, então eu detestava. Pra mim era problemático, porque às vezes tinha um rock terça a madrugada inteira, para eu ficar servindo bebida, quarta eu tinha prova pra fazer ou um trabalho para entregar. E eu queria fazer minhas tarefas de curso, eu queria tirar nota boa, sempre fui competitivo nesse sentido acadêmico e isso me prejudicava.

Antes de seguir, cabe destacar que a categoria hierarquia é acionada espontaneamente por meu interlocutor e diz respeito, no contexto republicano, à organização (lugares sociais) no interior das repúblicas, conforme sinalizei anteriormente. Adiante, as narrativas de Pedro em suas vivências nestas duas casas são contrastivas, sobretudo pela maneira como ele lida com as regras impostas em ambas as batalhas, com aquilo que ele entende como excesso e, não necessariamente, com as normas em si. O problema, portanto, não é servir bebida, mas ter a obrigação de servir a bebida até determinado horário, ou que isso interfira nas suas atividades acadêmicas. Ser bixo de uma república, não parece ser uma questão, mas ser lembrado e tratado (chamado) como bixo é; afinal, trata-se de uma demonstração de hierarquia. Morar em lugares que estabelecem uma hierarquia entre seus moradores não seria o ponto, mas a forma como a hierarquia é imposta e colocada no convívio diário entres esses membros é algo que incomoda o interlocutor.

Nesse sentido, Pedro resume sua trajetória nessas duas casas de pontos de vistas distintos: “foi bom enquanto eu morei lá, eu gostava dos meninos e da república” (sobre a república Azul) e “foi o pior mês da minha vida em Ouro Preto” (sobre a república Verde). Há dois discursos emocionais que surgem nos relatos do interlocutor e que podem ser entendidos dentro dessas interações que constituem as batalhas, desvelam,

portanto, uma micropolítica nas duas casas em que ele viveu. Na república Azul, alega que se sentia feliz “porque era acolhido e gostava dos moradores” e na república Verde se sentia humilhado, pela forma como era tratado durante a batalha. A dimensão da humilhação se vincula à situação e interação social entre os bixos e os moradores:

Mas assim, o pior mês da minha vida em Ouro Preto foi lá, *eu me sentia um nada, humilhado, um lixo...* eu ficava enrolando na faculdade, para não ter que ir pra lá, ir pra casa, no caso. Procurando coisas na faculdade para fazer. Matar batalha na república Roxa (casa de suas amigas), até na república Azul eu ia pra não ter que ir pra casa e fazer as coisas, enfim, ter que ficar naquela situação. De tão ruim que já estava o clima, de tão desagradável. E assim, lá eu nunca tive a chance de falar que eu estava me sentindo mal, porque as coisas não eram negociadas, não tinha, era a regra e pronto, não tinha chance de me abrir e falar que não estava gostando daquilo etc. *Eu sentia que era assim, eles pensavam assim: quando eu batalhei foi tão ruim quanto, então eu também vou dificultar para você. Eles, digo não só lá, mas o que notava nas outras federais do campus, que é isso: ah, como minha batalha foi muito humilhante, mas eu aguentei tudo para virar morador, os bixos têm que passar pelo mesmo. Então eles replicaram, parecia um ciclo.*

Primeiro, o interlocutor aciona um discurso emocional: sentir-se “humilhado, um lixo e um nada”. Em seguida, sugere uma relação constitutiva da batalha como uma técnica de humilhação, como parte imbricada neste “teste”, ao menos no contexto a que ele estava próximo: as repúblicas federais do campus universitário. A humilhação opera com uma espécie de interação contínua entre morador e bixo, entre ex-bixo que se torna morador e, portanto, precisa fazer o seu bixo passar pela mesma experiência. Nesse sistema (ou ciclo, como relata meu interlocutor) a hierarquia é crucial, a humilhação é endereçada ao bixo; há uma ordem estabelecida que deve ser seguida. Autores como Katz (2013), Miller (1993), Coelho e Rezende (2013) e Diaz-Benitez (2019), partindo de discussões e de etnografias específicas, obviamente, mas em linhas gerais, partilham do argumento central que é pensar a humilhação como uma emoção (ou discurso emocional) marcada por relações hierárquicas que dizem respeito a contextos micro e macropolíticos variados e relacionais o que, em partes, também pode ser projetado no caso da batalha nas repúblicas.

Katz (2013), por exemplo, discute como em eventos específicos a humilhação pode gerar raiva e ódio: o que desencadeia eventos violentos que trabalham para reestruturar determinada ordem social, para retomar a identidade do humilhado. Como ocorre quando um pai tem sua autoridade desrespeitada pelo filho ou em casos de infidelidade, nos quais o traído tem sua honra “manchada”, fatos vistos como humilhantes, que ocasiona práticas de violência para refazer a estrutura da hierarquia, “quebrada”

pela humilhação. No entanto, essa perspectiva não faz tanto sentido nesse caso, primeiro porque a humilhação enquanto sentimento é acionada pelo sujeito entendido como inferior no sistema republicano, segundo pois o que Pedro me relata é que a humilhação é vivenciada sem que haja um efeito reverso inicialmente, é apenas após experienciar a humilhação, quando se torna morador (portanto, superior) que se é permitido humilhar o bixo (alguém inferior).

Na gramática das relações nas repúblicas, a humilhação não desestrutura as hierarquias, mas as reafirma e as estrutura. Não obstante, Diaz-Benitez (2019) evidencia como a humilhação pode se constituir como uma forma de interação social ainda que ela esteja trabalhando com situações específicas entre homens e mulheres, sua perspectiva pode ser tensionada aqui. De modo a considerar esse morador como constituído também por processos e atos humilhantes que caracterizam a batalha, ou seja, a humilhação “faz” um morador de uma república federal se tomarmos como exemplo o relato de Pedro. Essa humilhação precisa ser reiterada e direcionada para corpos que pretendem ser membros daquela casa. A batalha poderia ser pensada, assim, como um ritual de humilhação, nos termos de Miller (1993): um rito de iniciação em que a humilhação se configura como um teste, em um espaço demarcado hierarquicamente, na medida em que consiste no rebaixamento de uma pessoa por membros superiores e que, no fim, permitem sua inserção (no caso do bixo) como um membro (morador) do grupo (da república).

Nesse ritual a agência seria habitar as regras da casa, habitar essas situações e eventos humilhantes, tomando de empréstimo uma noção de agência em Mahmood (2006). Uma agência que não acaba após o ritual, mas se inicia, afinal, são espaços demarcados por um sistema de hierarquias: regras são estabelecidas para todos os moradores e orientam as relações sociais nesses lugares. Pedro, porém, mesmo que tenha escolhido participar desse processo (ou seja, batalhar na república Verde), ao se sentir humilhado pela experiência ritual, parece tentar transgredi-la, de modo que tenta fugir ou catar⁸ a batalha sempre que pode, ficando longe fisicamente da república. Entretanto, isso gera sua expulsão da casa, que detalharei no próximo subtítulo com mais precisão. Voltemos agora a outro discurso emocional que o interlocutor expressa ao caracterizar seu período de batalha na República Azul:

Aí eu cheguei lá no sábado à noite, os meninos me receberam muito bem, eles foram superlegais comigo, foram bem receptivos. Gostei deles logo de cara (...) a batalha lá era a convivência, não era pesada igual na federal, não tinha tanta

8. Catar, no contexto republicano significa: sair, deixar de fazer, matar. Exemplos: “vou catar a aula hoje” (matar a aula hoje); “vou catar a disciplina” (não irei mais cursar determinada disciplina), “vou catar a república” (vou sair da república). No sentido usado por Pedro, remete a ideia de matar a batalha, assim como matar aula (deixar de fazer as suas obrigações no ritual).

escrotidão daí eu gostava, de conviver, de batalhar, das festas, enfim... e por isso eu gostava da casa, de estar ali com eles, *eu me sentia bem, eu estava feliz*. (...) a gente criou uma relação de amizade, somos todos muito diferentes, mas a gente se gosta, se respeita, troca uma ideia muito boa, tem ótimas conversas, sabe?

Na Antropologia das Emoções, há um dado interessante, pois, aparentemente, os sentimentos “negativos” são muito mais teorizados: vergonha, medo, humilhação, desprezo, nojo etc. Mas e a felicidade? No campo das Ciências Sociais, a felicidade é um sentimento tido como um imperativo das sociedades modernas ocidentais (Rezende; Coelho, 2010; Freire Filho, 2010). Nessa perspectiva, dois caminhos têm sido mais percorridos em termos de produção acadêmica: a mídia como (re)produtora de discursos emocionais da felicidade (Freire Filho, 2017) e a imposição capitalista neoliberal da felicidade a um custo: o consumo (Binkley, 2010). Mas essa seria a única maneira de abordar a felicidade como uma emoção? Felicidade, tal como outras emoções, podem ser constituídas em contextos de produção específicos da vida cotidiana e revelarem formas de convívio (interações sociais) que não necessariamente estejam alicerçadas em um aspecto apenas macroeconômico, portanto.

Sentir-se feliz e bem, no relato de Pedro, justifica-se pela relação que conseguiu estabelecer com os moradores da república Azul, além de, claro, como era a batalha naquela casa. Aqui, a emoção novamente opera num sentido relacional, ela é fruto de uma relação nesse caso de amizade e acolhimento, o que faz com que o interlocutor se sinta feliz, ainda que no período de batalha. O próprio ritual de iniciação em si é caracterizado de outra forma pelo interlocutor, em contraposição à república Verde. Uma dimensão pode ser pensada a partir deste caso: a amizade como uma relação, mas também como um sentimento que, portanto, promove trocas afetivas emocionais (Rezende, 2002), em nosso caso, a felicidade. Nesse sentido, “a amizade pode ser vista como um contexto relacional específico, no qual são acionadas expectativas e valores muitas vezes distintos de outras relações, ela está ao mesmo tempo articulada a várias outras dinâmicas sociais” (Rezende, 2002, p. 85). Para Pedro, o sentimento de amizade e felicidade são relacionais e “suavizam” o rito da batalha na república Azul. Na medida em que, mesmo que para ele fosse um ritual menos intenso, ainda assim, se constituía como um rito de iniciação em que hierarquias e atividades eram demarcadas.

Os desfechos das duas batalhas de Pedro foram os mesmos: em sua primeira casa (a república Azul), ele foi vetado após três meses como bixo; em sua segunda experiência (república Verde), ele foi vetado em um mês de batalha. Nessa última casa, o veto é como um efeito pela transgressão do período da batalha, ou seja, se o bixo começa a fugir de suas responsabilidades ele será vetado. No caso de Pedro, “fugindo” do ritual ao permanecer mais tempo na faculdade ou na casa de amigas, catando a batalha, portanto.

Nesse sentido, quando o interlocutor é vetado da república Verde, ele não se surpreende com a decisão, relata concordar e aceitar a justificativa. Em suas palavras, “quando eles me vetaram, eu concordei com as justificativas e não foi surpresa, porque eu não estava dando tudo de mim para estar ali mesmo, eu já não estava feliz” e completa dizendo que se sentiu “aliviado”. Esse sentimento evocado pode ser entendido por meio da maneira como ele concebia sua experiência naquele lugar: uma experiência humilhante.

No entanto, na república Azul, a situação conforme relatos de Pedro era outra. Em muitas passagens aqui apresentadas, ele demonstra como conseguiu se adaptar à batalha e que se sentia bem e feliz na casa, de modo que, ao ser vetado, o interlocutor alega: “eu me senti super mal, porque eu tava enturmado com os meninos, a gente tinha uma excelente relação, fui pego de surpresa também porque não tinha uma gota de motivo pra me vetarem”. A emoção evocada por Pedro diante do veto (“eu me senti supermal”) tem ligação com a quebra de expectativa em relação ao convívio que ele tinha com os demais moradores ou na amizade que havia sido criada entre eles. A justificativa dos moradores da república Azul para vetá-lo, segundo Pedro, foi “que eu não fiz o perfil da casa, que eu não me encaixei, uma coisa assim” e prossegue explicando sua reação, ou melhor, sua não-reação no momento: “na hora eu nem questioneei, porque eu entendi o motivo, mas não questioneei... e o motivo claro que não foi verbalizado realmente o que era, né? O motivo era por eu ser gay e tudo mais. Foi dessa forma que eu entendi”. Outra dimensão emerge disso e que trata do modo como Pedro lidava com sua sexualidade e com os eventos que se relacionavam ao fato de ser gay no contexto republicano. No subtítulo a seguir analisarei essa questão.

3 Entre verbalizar ou não a sexualidade: percepções sobre homofobia e as emoções evocadas nestes relatos

Intencionalmente, no subtítulo anterior, não apresentei um fato importante durante as duas trajetórias de batalha de Pedro: na república Azul, ele não verbalizava sua sexualidade para os moradores, mesmo assumido para sua família e amigos de sua cidade natal. Tampouco era questionado sobre isso pelos membros da casa, conforme revela. Enquanto na república Verde, onde Pedro decide morar e batalhar, justamente por pensar que sua sexualidade não seria “um problema”, ele verbaliza para a decana assim que visita a casa e, posteriormente, em seu relato, reitera que ser gay não era algo caracterizado por ele como “problemático” naquela república. Tal fato é interessante porque as experiências da batalha parecem assumir, como discutimos, um papel central na leitura que o próprio interlocutor faz dos dois espaços de sociabilidade em que viveu e, por consequência, a forma como se sentia nessas casas. Apesar de não verbalizar sua

sexualidade na república Azul, ele se sentia feliz e bem, inclusive, criou vínculos de amizade com os moradores; a despeito da república Verde, onde se sentia humilhado, embora assumido naquela residência estudantil. É preciso compreender, nesse sentido, um pouco mais da relação de Pedro com os moradores da república Azul, naquilo que tange a sua sexualidade:

(...) eu já fui para Ouro Preto assumido para minha casa e meus amigos (cidade natal), tinha consciência que era gay, me aceitava, mas lá na república Azul eu não verbalizava com ninguém da casa. (...) Não, não eles não questionavam, porque tipo, eles sabiam da minha sexualidade, pelo estereótipo, pelos meus trejeitos e tudo mais, mas eu nunca falei nada abertamente para eles, mas eles sabiam. (...) A princípio eu acho que eu não queria falar justamente para não correr risco, né? Primeiro de agressão, de violência homofóbica, nunca se sabe, infelizmente acontece em todo lugar. Segundo porque eu tinha medo né? Eu falo isso, tô numa casa só com homens, não sei como é a cabeça dessa turma, porque enquanto você não diz nada tá tudo bem, né? Mas tem gente que depois que você verbaliza o preconceito começa a aparecer... aquelas coisas: ah, mas não posso trocar de roupa na sua frente, não podemos dormir no mesmo quarto, etc. Eu tinha medo desse tipo de coisa e daí quando eu verbalizasse por conta disso eu tivesse que procurar um outro lugar para morar. De uma mudança de comportamento deles mesmo, disso que eu tinha medo, por isso que eu não falava.

É perceptível o entendimento de Pedro sobre o risco de falar a respeito, de verbalizar sua sexualidade naquele contexto. Ou seja, ainda que ele afirme que por seus trejeitos os moradores da república Azul “sabiam” que ele é gay, o ato de verbalizar poderia provocar uma mudança de comportamento ou colocá-lo em risco. O medo é acionado como um mecanismo que o impede de verbalizar ou de se assumir para seus companheiros. Não é suficiente, nesse caso, uma discussão a partir da enunciação da sexualidade em contextos públicos e privados, sobretudo porque a república não parece estar no âmbito do público onde a enunciação da sexualidade é por vezes reprimida (Souza, 1993). Assim, no discurso aqui analisado, o caminho mais interessante a seguir é pensar que, na experiência de Pedro, o medo consiste em um sentimento capaz de trabalhar, dentro de uma micropolítica, para promover o silêncio do interlocutor. “A emoção medo é uma construção social significativa” (Koury, 2005) marcada por hierarquias e relações de poder (Zapata e Romero, 2019) e, portanto, podem informar também sobre vida de pessoas com sexualidades dissidentes: medo de ser expulsa(o/e) de casa, medo da exposição social, medo de ser assassinada(o/e), medo de contrair HIV, medo de estupro corretivo, medo de perder o emprego etc. Ademais, outro episódio parece ser similar a isso, pois, apesar de entender que foi vetado na república Azul por ser

gay e sentir-se mal nessa situação, no momento do veto, Pedro opta por não demonstrar o que diz realmente sentir, como fica evidente em suas palavras: “não quis ter embate, eu pensei: não, beleza, até porque não vai ser aqui, vai ser em outro lugar, eu vou achar um lugar que eu vou me encaixar, isso foi o que eu pensei, né? Não falei isso. Só disse que tudo bem, que estava tranquilo (...), mas eu me senti super mal...”. Em ambos os casos, há uma espécie de trabalho emocional (Hochschild, 2013) sendo realizado, mas, antes de prosseguir nessa perspectiva de análise, voltemos a outras situações relatadas por Pedro, que também podem ser entendidas de tal maneira:

Então, dentro da casa (república Azul) teve uma situação, em um social que teve... foi um conflito que eu tive com meu irmão de batalha. Que ele fez uma... eu não lembro exatamente a palavra, lembro só o contexto, mas ele fez uma piada homofóbica, uma brincadeira homofóbica comigo e foi bem naquela transição de música, quando dá um silêncio, então todos escutaram e eu fiquei bem constrangido, com vergonha! Todo mundo parou e ficou olhando para minha cara, então foi muito constrangedor! E aí eu também não tive reação, não quis ter um embate com ele ali naquela hora, fiquei com vergonha, mas fingi que nada tinha acontecido, mas depois... poucos minutos depois eu vi uma movimentação de alguns moradores pra me defender, ir falar com ele que aquele tipo de brincadeira não era legal, etc. Teve essa movimentação, sabe? Aí nessa hora eu me senti mais aliviado e consegui ficar mais à vontade ali. (...), mas entre eu e ele não teve nenhuma conversa sobre isso, ele não me pediu desculpas...

(...) eu também lembro que uma vez estava num rock, eu era bixo da república Azul ainda, fui servir um cara e ele falou assim quando eu saí: “não gosto que viado me serve”! Eu escutei, mas não falei nada, me senti mal, com vergonha, tipo que coisa babaca, nada ver..., mas não falei nada e continuei normal. Passou, mas é claro que a gente lembra, mas essa foi a última vez que algo aconteceu comigo, isso no meu primeiro semestre.

Esses dois eventos acionam discursos emocionais presentes no relato do interlocutor: ele se sente mal, com vergonha e constrangido. Vergonha e constrangimento parecem ser sentimentos vividos perante as situações que ele relata como homofóbicas, podem ser entendidos, nesse caso, como complementares. Mas não é apenas a ação homofóbica que evoca a vergonha, mas o fato dela ser realizada na presença de outras pessoas, a situação se torna, portanto, embaraçosa para Pedro diante do contexto em que ocorre. Trata-se de uma sequência: o ato homofóbico é feito em público e consiste em uma exposição do interlocutor, que além do fato de deixá-lo “mal”, gera constrangimento (vergonha). Gostaria de me ater inicialmente à ação em si. Goffman (2012), em sua análise sobre as relações de poder na vida cotidiana, denomina algumas práticas,

dentre as quais ofensas deliberadas, como condutas de “rituais da interação”. Sugiro alargar esse sentido para pensar a ofensa ou a prática homofóbica entendida como um ritual de interação que, intrínseco às relações de poder, pode provocar o rebaixamento do outro por meio do constrangimento; são endereçadas, portanto, a pessoas hierarquicamente numa posição inferior em determinado contexto e tendem a reafirmar essa suposta inferioridade. Ainda que no primeiro evento relatado por Pedro sua relação com seu irmão de batalha não seja de inferioridade, afinal os dois são bixos (ocupam o mesmo lugar naquela hierarquia), aqui pode comparecer aquilo que Oliveira (2011) chama de superioridade moral da heterossexualidade: o bixo que ofende, por ser heterossexual, assume uma posição de superioridade frente ao interlocutor (que é lido como homossexual) e, assim, há o endereçamento da ofensa/prática. Enquanto, no segundo caso, tanto a hierarquia do ambiente republicano, quanto a noção de superioridade moral da heterossexualidade, podem ser acionadas para contextualizar o evento.

Não obstante, a maneira como Pedro afirma lidar com os eventos também são interessantes, sobretudo porque indicam que o interlocutor realiza trabalho emocional nesses dois casos. Se os atos geram sentimentos de vergonha, constrangimento ou incômodo (sentir-se mal) enunciados no discurso do interlocutor, eles não provocam reações, ou essas emoções sequer são expressas na cena e aos demais envolvidos Pedro, nesse contexto, parece gerir essas emoções e mobiliza o silêncio, de modo a evitar o conflito ou o embate. A gestão emocional, se pensada nos termos de Hochschild (2013), conforme proponho, sugere que, em determinadas situações, indivíduos podem fazer uma supressão de suas emoções, de modo a tentar conter um sentimento que é sentido, mas entende como indesejado naquele momento. Esse tipo de trabalho emocional é consciente e se refere “ao ato de tentar mudar, em grau ou qualidade, uma emoção ou sentimento” (Hochschild, 2013, p. 184) e, por se tratar de uma ação (uma tentativa), a importância está mais centrada no “esforço” do que necessariamente se esse exercício foi ou não “bem-sucedido”. Nessa perspectiva, quando Pedro, apesar de estar envergonhado, afirma “(...), mas fingi que nada tinha acontecido”, o interlocutor realiza um tipo de trabalho emocional. Da mesma maneira, quando é chamado de “viado” em uma festa, Pedro escuta, sente-se mal, constrangido, mas, ainda assim, não reage e diz que após o fato “não falei nada e continuei normal”. Novamente, trata-se de um gerenciamento emocional.

Na leitura de Pedro, transformar ou tentar trabalhar emoções de medo, vergonha e constrangimento em silêncio é sempre com o intuito de evitar um conflito ou um embate. O silêncio opera enquanto uma tática de não dar atenção ou visibilidade àqueles eventos, seja quando vetado na república, quando decide não verbalizar sua sexualidade, ou em situações em que relata ter sido vítima de atos/ofensas homofóbicas. Talvez porque dar atenção a tais situações também poderia colocá-lo em um lugar de

exposição no contexto republicano e seus atores sociais, sobretudo no que diz respeito a sua orientação sexual, a qual Pedro não verbaliza. O que se pode inferir, por fim, é que as emoções suscitadas pelo interlocutor são relacionais ao modo como ele lida com sua sexualidade e, por conseguinte, como ele lida com os demais membros do grupo estudantil em que está inserido.

Considerações finais

Conforme apresentado neste trabalho, as emoções foram consideradas como expressões humanas inerentes a uma psico/biologia corporal, enquanto objeto de análise dentro das ciências sociais elas perpassam os paradigmas (re)produzidos e tensionados da área. Em outras palavras, as emoções circularam entre as Escolas (ou chaves de leitura) que de modo mais amplo estavam interessadas em reiterar e/ou dinamitar dicotomias como universal x particular, natureza x cultura, razão x emoção, sociedade x indivíduo, entre outras. As emoções, portanto, foram entendidas a partir de perspectivas como a essencialista, relativista, historicista e contextualista.

Essa última chave de leitura/análise contextual e micropolítica das emoções nos permite situar os sentimentos em contextos de produção social que, por vezes, demarcam relações de poder e reforçam micro(macro) hierarquias. Eles dizem respeito, portanto, as relações em que são produzidos e mobilizados. A partir dessa perspectiva, analisei a trajetória de Pedro enquanto estudante inserido no contexto universitário e das repúblicas em Ouro Preto, tentei focar nos discursos emocionais suscitados em seus relatos a partir da experiência de batalha e dos eventos homofóbicos narrados. Nas análises, o interlocutor evoca sentimentos como humilhação, amizade, felicidade, medo e vergonha.

Humilhação e felicidade/amizade foram evocadas por Pedro, a partir das suas duas experiências de batalha e, por conseguinte, trata-se de emoções que são intrínsecas as interações sociais distintas que ocorrem em cada uma das repúblicas no período do rito de passagem. Na República Verde, o fato de sentir-se humilhado, diz respeito a lógica de como interpreta a batalha e as suas regras (o sistema da república federal, portanto), assim, a humilhação denota “sempre relações, ora entre os sujeitos, ora entre a emoção e as situações (do presente, passado ou futuro) que ela mesma evoca” (Diaz-Benitez, 2019, p. 75). A experiência de batalha, pode ser vista como um ritual de humilhação, nos termos de Miller (1993), à medida que consiste em um teste onde o rebaixamento (a humilhação) do bixo, ao fim, pode lhe garantir a permanência e acesso a aquele grupo. Diferentemente, no caso da República Azul, amizade/felicidade são senti-

mentos relacionais acionados em seu discurso e mostram como a partir deles, a batalha é entendida enquanto apenas um aspecto do convívio cotidiano e, nesse sentido, não é “traumática”, como na casa Verde.

Em outro sentido, eventos homofóbicos e os discursos de Pedro em relação a eles evocam emoções como medo, vergonha e constrangimento. Esses sentimentos desvelam a relação que o interlocutor estabelece com os demais atores sociais do contexto republicano, principalmente, sobre a dimensão da sua sexualidade, ou melhor, sobre o fato de ser gay. Pedro, parece realizar uma espécie de trabalho emocional ao gerir essas emoções e não as expressar, seja pela fala, ou gestos/reações. O silêncio entendido pela “não verbalização” tanto da sua sexualidade, como nos eventos homofóbicos, expressa a sua intenção em não promover conflitos e não expor o fato de ser gay no contexto republicano.

Por fim, neste artigo, busquei sinalizar como os discursos emocionais, ou como as emoções são relacionais e imersas em contextos de relações de poder (pela micro/macropolítica da vida cotidiana) é uma possibilidade (eu diria que) epistemológica de complexificar os sentimentos. Com isso é fundamental não relegar a emoções um espaço secundário nas interações sociais, mas pensá-los como imbricados e produzidos a partir dessas relações. Assim emoções podem desvelar as relações de poder que circunscrevem dinâmicas de hierarquias dentro das repúblicas estudantis em Ouro Preto (MG), bem como a maneira como as pessoas lidam com suas sexualidades, conforme abordado neste trabalho.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction: Emotion, discourse and the politics of everyday life. *In*: LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila (Org.). **Language and the Politics of Emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 1-23.

BINKLEY, Sam. A felicidade e o programa de governamentalidade neoliberal. *In*: FREIRE FILHO, João (Org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 83-104.

BISPO, Raphael; COELHO, Maria Claudia. Emoções, Gênero e Sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da Antropologia das Emoções. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 28, n. 2, p. 186-197, 2019.

CASTANO ZAPATA, Daniel; RUIZ ROMERO, Gabriel. Con el Jesús en la boca: miedo y vida cotidiana en sociedades en guerra. El caso de Tumaco (Nariño, Colombia). **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 25, n. 54, p. 23-50, 2019.

CLARK, Candace. Sympathy, Microhierarchy and Micropolitics. *In*: CLARK, Candace. **Misery and company: sympathy in everyday life**. Chicago: The University of Chicago Press, 1997. p. 226-251.

COELHO, Maria Claudia. Narrativas da violência: a dimensão micropolítica das emoções. **Mana**, v. 16, p. 265-285, 2010.

COELHO, Maria Claudia. As Emoções e o Trabalho Intelectual. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 54, p. 273-297, 2019.

DEQUECH, David. **Isto dantes em Ouro Preto**. Belo Horizonte: Minas Gráfica, 1984.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. O gênero da humilhação. Afetos, relações e complexos emocionais. **Horizontes antropológicos**, v. 25, p. 51-78, 2019.

ESTEVÃO-REZENDE, Yuri A. **Fazendo repúblicas, fazendo masculinidades: gênero, sexualidades e micropolítica das emoções em moradias estudantis**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), p. 133, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREIRE FILHO, João. O anseio e a obrigação de ser feliz hoje. *In*: FREIRE FILHO, João. (Org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 13-25.

FREIRE FILHO, João. Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder. **MATRIZES**, v. 11, n. 1, p. 61-81, 2017.

GENNEP, Arnold van. **Os ritos de passagem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. Constrangimento e organização social. *In*: GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face-a-face**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. p. 95-109.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. Trabalho Emocional, regras de sentimento e estrutura social. *In*: COELHO, Maria Cláudia (Org.). **Estudos sobre Interação: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. p. 169-208.

KATZ, Jack. Massacre justo. *In*: COELHO, Maria Cláudia (Org.). **Estudos sobre Interação: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013. p. 211-284.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A antropologia das emoções no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 4, n. 12, p. 239-252, 2005.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**. v. 10, n. 1, p. 121-158, 2006.

MILLER, William Ian. Humiliation: its domain and strategies of avoiding it. *In*: MILLER, William Ian. **Humiliation and other essays on honor, social discomfort and violence**. Ithaca/London, Cornell University Press, 1993. p. 131-174.

OLIVEIRA, Leandro. Diversidade sexual, gênero e família: notas sobre o problema da superioridade moral da heterossexualidade. *In*: PASSAMANI, Guilherme R. (Org.). **(Contra)Pontos: ensaios de gênero, sexualidade e diversidade sexual**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2011, p. 53-65.

OLIVEIRA, Leandro. **Os Sentidos da Aceitação: Família e Orientação Sexual no Brasil Contemporâneo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 251, 2013.

OLIVEIRA, Leandro. A “vergonha” como uma “ofensa”: homossexualidade feminina, família e micropolíticas da emoção. **Horizontes Antropológicos**, n. 54, p. 141-171, 2019.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **Mana**, v. 8, n. 2, p. 69-89, 2002.

REZENDE, Claudia B.; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SOUZA, Pedro de. **Confidencias da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade**. Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), p. 167, 1993.